

OS CONSUMOS DO GLÚTEN E DA CASEÍNA PODEM LEVAR EFEITO OPIOIDE EM PESSOAS AUTISTAS

REGINA APARECIDA DE MELO BAGNOLLI

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade de Educação e Estudos Sociais de São João del-Rei- FUPAC

INTRODUÇÃO

O autismo é considerado uma doença, que deixa muitos cientistas intrigados, por ser enigmática e interessante diante seus sintomas típicos, como movimentos estereotipados, falta de vocalização, não terem comunicação afetiva com seus familiares, entre outros. Observa-se através de pesquisas, que o índice de autistas vem aumentando, e que afeta mais as pessoas do sexo masculino, onde seus sintomas começam a aparecer por volta dos dois anos de idade. A biomedicina vem pesquisando as possíveis causas do autismo e uma possível cura.

Aborda-se que devido à quebra incompleta de certas proteínas do trigo e do leite e a perfuração do intestino pelos fungos, se obtêm a entrada dessas proteínas, onde ocorre a absorção de pedaços não totalmente digeridos de peptídeos no intestino dos autistas, causando efeito opióide.

Destacam-se também os aspectos para a solução dos sintomas autísticos, através da dieta sem o consumo do glúten e da caseína, levando ao possível tratamento e melhor condição de vida desses indivíduos, visando medidas intervencionistas, preventivas a fim de amenizar os problemas intestinais.

Com o acompanhamento médico, do enfermeiro preparados para lidar com os portadores do autismo, pode se ter a melhora dos seus sintomas. A escolha da temática partiu do interesse e afinidade com a área da saúde mental e da convivência pessoal com familiar autista.

1.0 AUTISMO

Segundo Mello (2001) o significado de autismo vem do grego *autos*, que significa por si mesmo, próprio. Esse termo foi consignado à perda de contato com a realidade, decorrendo assim uma dificuldade de comunicação com as demais pessoas.

O transtorno autista de acordo com a descrição de Kaplan *et al*, (1997), caracteriza-se por comprometimento persistente nas interações sociais recíprocas, estando esses desvios presentes aos três anos. Porém, a dificuldade de diagnóstico, leva os pais a não entenderem o que pode estar acontecendo com o comportamento do seu filho, levando ao diagnóstico tardio.

Os sintomas considerados mais graves segundo Gouderer (1987) são os gestos repetitivos, agressividade com autodestruição, resistência a mudanças, necessitando de técnica de aprendizagem e tratamento psicológico. Os autistas

seguem a rituais específicos e não funcionais, preocupando com partes de objetos sendo sintomas aparentes, ocasionado interesse limitado, havendo grande resistência a mudanças e sofrimento diante a ela, com grande interesse de seguir rotinas, se não seguidos, alguns se tornam agressivos e impacientes.

Kolb e Whishaw (2002), relata que o autismo pode afetar 1 a cada 500 pessoas, tendo diferenciação desde o nascimento, onde os bebês para evitar o contato físico arcam as costas e ficam moles quando são segurados e podem afastar as pessoas. Cada autor especifica a incidência do autismo, de acordo com os dados colhidos na sua região, da pesquisa de campo e da comprovação da síndrome.

Santos (2008) descreve, baseado em informações do Centro de Tratamento Pfeiffer (PTC), que os autistas apresentam um defeito na proteína metalotionina que é responsável pela desintoxicação de metais pesados devido uma anormalidade genética, deixando os cérebros dos autistas sensíveis a esses metais e outras substâncias ambientais, a metalotionina esta envolvida também na maturação cerebral e do trato intestinal nos primeiros anos de vida do ser humano, a diminuição dessa proteína pode causar a não absorção do zinco e do cobre que são responsáveis pela função imune e crescimento celular, onde se observa em autista as anormalidades neurológica e metabólicas.

O que mais intriga atualmente os pesquisadores é a relação do glúten e da caseína em portadores do autismo, sua consequência no metabolismo e na sintomatologia das pessoas que se alimentam dos seus derivados. Fatores genéticos e ambientais como exposições a metais pesados podem ser umas dos causadores dos sintomas autísticos, pesquisas são necessárias para que os transtornos sejam amenizados ou até eliminados

2.0 DISBIOSE INTESTINAL PODEM OCASIONAR SINTOMAS AUTISTICOS

A imunização, a flora intestinal anormal, fatores genéticos, reações anormais a alimentos e metais tóxicos podem influenciar para o surgimento do autismo; como explica o Dr. William Shaw, Doutor em Bioquímica e Fisiologia Humana pela Universidade da Carolina do Sul, Estados Unidos. (SALCEDO, 2006).

Shaw (2009, p. 9) em suas pesquisas com autistas observou que antes de se usar os antibióticos em larga escala se detectou um baixo nível de portadores de autismo, e com o uso indiscriminado de antibióticos se teve um grande aumento dessa doença, causando uma disfunção da flora intestinal, fazendo com que as bactérias normais como a *Escherichia coli* fossem eliminadas e as leveduras como a *Cândida Albicans* e bactérias resistentes aos antibióticos de largo espectro aumentassem, e com o teste de acido orgânico na urina se identificou a presença de altas concentrações de substâncias derivadas desses patógenos, podendo ocasionar uma disfunção intestinal e desencadeando ao autismo.

Pessoa com autismo tem em seu trato intestinal uma grande quantidade de fungo chamada *Cândida Albicans*, de acordo com Rodriguez (2003) que leva a contaminação do sangue através de suas toxinas, podendo afetar a função cerebral.

A caseína é uma das principais proteínas (fosfoproteína) do leite, apresentando em forma de partícula coloidais¹ (micelas), sendo constituinte de 78% da proteína do leite. Caseínas e caseinatos são largamente usadas em produtos lácteos, produtos de panificação, chocolates, coberturas comestíveis, bebidas lácteas, salgadinhos, impermeabilizantes.

O glúten é composto por duas proteínas, a gliadina² e a glutenina³. A gliadina é de cadeia simples e bastante gomosa quando hidratada, tendo pouca ou nenhuma resistência à extensão, e sendo, portanto, responsável pela coesividade da massa. A glutenina é formada por várias cadeias ligadas entre si e é elástica, mas não coesiva e fornece à massa a propriedade de resistência à extensão. A enzima responsável pela quebra do glúten é a peptidase.

Para Campbel (2005) no organismo de crianças e adultos autistas ou esquizofrênicos, essas proteínas como o glúten e a caseína não são adequadamente digeridas devido ao fato de seus sistemas digestivos abrigarem uma flora microbiana anormal. O resultado dessa má digestão seria a formação, de substâncias com estrutura química semelhante à dos opiáceos, como a morfina e heroína.

Proteínas parcialmente digeridas têm configurações estranhas e imitam outras moléculas complexas como endorfina. Endorfina são proteínas de sistema nervosas que agem como analgésicos. Glúten parcialmente digerido ou proteínas de caseína podem se ligar para agir como analgésicos (ópio) receptores e sintomas de comportamento causando falta do contato do olhar, irritabilidade, ou desconexão com o mundo.

Observa-se que o autismo está em cima de um eixo envolvendo o sistema digestivo, sistema imunológico e sistema cerebral. Está interligados, um não avança sem o outro, tudo tem que ser tratado em conjunto, para que se obtenha uma melhora dos sintomas autísticos e uma possível cura.

A Cândida que é decorrente em autistas pode estar ligada a exposição ao mercúrio e ao chumbo. Foram encontrados níveis considerados seguros em alguns trabalhadores e constatou a diminuição do nível de leucócitos que eliminam a Cândida, o fato é que o mercúrio inibe a chave da enzima mieloperoxidase do leucócito, uma enzima que produz o íon hipoclorito, que é a principal defesa orgânica contra a Cândida. (Shaw, 2009, p.226). Santos (2008) relata que os autistas têm uma alteração na função da metalotionina que são proteínas, cuja

¹ Partículas coloidais podem ser formadas por até milhares de átomos ou moléculas (o caso do leite, por exemplo: o dispersante é a água e o disperso, a partícula dispersa, é a caseína, uma proteína.).

² Gliadina é o componente responsável pela extensibilidade de glúten, ficando dispersa entre a glutenina, desenvolvendo um filme elástico forte envolvendo os grânulos de amido.

³ Glutenina é uma proteína formadora de glúten. É insolúvel em álcool, porém solúvel em soluções ácidas diluídas. Tem alto peso molecular, baixa extensibilidade, alta elasticidade (porque têm ligações dissulfeto intra e intermoleculares) e massa elástica.

função biológica está relacionada à regulação de metais essenciais e a desintoxicação de metais tóxicos

3.0 INTERVENÇÕES DIETÉTICAS E FARMACOLÓGICAS PODEM ELIMINAR SINTOMAS AUTÍSTICOS

Marcelino (2009) sugere a retirada de açúcar branco na alimentação do autista durante duas semanas antes do uso da medicação antifúngica, devido à *Cândida* usar o açúcar como fonte de sua nutrição. O alho e o orégano podem ser usados para eliminação da mesma, com eficácia, podendo o alho ser encontrado em forma de cápsulas em farmácia de manipulação.

Os efeitos iniciais após a retirada do glúten segundo Rodriguez (2008), demoram a aparecer, por volta de 8 meses, devido ao organismo precisar desse prazo para ocorrer a desintoxicação. A partir daí que começa a diminuição dos sintomas autísticos. Como a melhora na linguagem e às vezes na vocalização e também a melhora de estereotípias. Esses sintomas diminuídos ajudam as pessoas autistas a terem maior facilidade às atividades corriqueiras como escovar os dentes, alimentar e se concentrar em atividades que antes eram consideradas insignificantes, tendo como consequência a interação dos familiares em lidar com essas pessoas.

Podem ocorrer manifestações como agressividade e alucinações devido ao não consumo do glúten e da caseína gerando uma síndrome de abstinência, dessa forma o tratamento precisa que ser rigoroso e com acompanhamento de profissionais e familiares.

Com a implantação da dieta e da nutrição, redução à exposição a toxinas ambientais e suporte para as funções digestivas e imunes conforme o Protocolo DAN cujo nome vem da sigla para Defeat Autism Now ou Derrote o Autismo já é um protocolo de diversas ações para o tratamento do autismo através de métodos diferentes dos abordados pela neurologia atual, são pesquisas realizadas através da biomedicina. Esse protocolo iniciou-se nos Estados Unidos, pelo Instituto de Pesquisas sobre Autismo (ARI, na sigla em inglês), fundado em 1967 pelo médico e cientista PhD Bernard Rimland, autoridade no assunto e pai de um garoto com autismo. Uma das principais ações é a dieta totalmente isenta de duas proteínas: glúten e caseína, esta última presente no leite animal, conhecida como Dieta SGSC (sem glúten e sem caseína). (SHAW, 2009)

4.0 ORIENTAÇÕES DE ENFERMAGEM AOS FAMILIARES DE AUTISTAS

A enfermagem psiquiátrica diferencia-se apenas no que tange ao principal objetivo no caso o esforço visando a assistência ao doente mental que requer da enfermeira um desenvolvimento mais completo, uma compreensão especial e um relacionamento terapêutico com seus pacientes. (DALLY & HARRINGTON, 1978, p.224).

De acordo com Archer (2005), antes de iniciar uma dieta, deve ser feita uma orientação ao cliente e aos familiares, explicando como que funciona a dieta, monitorando sempre os sinais de desnutrição, apatia, constipação, diarreia, obstrução intestinal e vômitos. As famílias que estão realizando a dieta devem ter em mente que podem ocorrer distúrbios ao longo do tratamento.

Com a retirada do glúten e da caseína pode ocorrer crise de abstinência, então

poderá ocorrer alucinações e estado de agressividade. O enfermeiro deve exercer um papel importante de resguardar a saúde do paciente e da família, diante das agressividades do autista, até que ele se acalme.

Nos autista, os exames são indicados pelo médico, para identificar a presença de toxinas da Cândida e para observar se teve o seu aumento, o enfermeiro deve saber interpretar o exame para determinar se teve alterações nos resultados. Quanto a medicação o médico poderá indicar a Nistatina, um antifúngico, a enfermagem devera saber seus efeitos colaterais e sua dosagem conforme prescrição do médico responsável pelo tratamento. Mesmo com a restrição de carboidratos originados do amido e do glúten, a alimentação dos autistas podem se elaboradas e implantado pelo enfermeiro junto a família.

O relacionamento deve existir entre a equipe de enfermagem e as mães de filhos especiais e de filhos autistas. Essas mães também são especiais, a enfermagem deve compreender que o sofrimento que as acompanha pode estar camuflado por aparente abnegação e valor. Na verdade são mães que também precisam ser cuidadas, prevenindo o adoecimento psíquico e contribuindo para que elas possam cuidar do filho e também se cuidarem. (MONTEIRO *et al*, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou que decorrer do trabalho os sintomas autísticos podem ser amenizadas, com uma dieta livre de glúten e caseína e com o uso de medicações onde as leveduras podem ser disseminadas, fazendo que o intestino fique menos propenso a ter perfurações, e a entrada de proteínas. A desintoxicação dos metais pesados como o mercúrio, pode ajudar para que as lesões neurológicas sejam eliminadas. A dieta livre de glúten e caseína pode ser aplicada, mas com acompanhamento de um enfermeiro e de um médico para observar os níveis de desidratação que podem ocorrer durante a dieta, podendo ser administradas vitaminas essenciais como o cálcio, devido à restrição do leite e de seus derivados.

Os procedimentos realizados nos indivíduos autistas devem ser executados com o máximo de cuidado, levando-se sempre em conta que a criança, na maioria dos casos, não permitirá ser tocada. A enfermagem tem o papel de cuidar, então é através dela que medidas preventivas serão propostas para a família para que os transtornos que podem ocorrer durante a dieta e da medicação sejam amenizados. Para uma melhora dos sintomas autistas não basta só tratamento nutricional é necessário um acompanhamento psicológico, com fisioterapeutas caso necessário, acompanhamento com fonoaudiólogo e a ajuda da enfermagem para o cuidado das disfunções que podem ocorrer durante o tratamento.

Mesmo que dizem que o autismo é incurável, os sintomas podem ser tratados, mas a família tem que estar disposta a seguir, para que os sintomas sejam eliminados e os indivíduos autistas terem uma condição de vida mais digna.

REFERÊNCIAS:

ARCHER, Elizabeth. *Procedimentos e Protocolos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

CAMPBELL, N. M. *A dieta essencial para os portadores do transtorno do espectro autista*, CAM Magazine, August 2003.

DALLY, P.; HARRINGTON, H. ; *Psicologia e psiquiatria na enfermagem*. São Paulo: EPU/EDUSP; 1978.

GAUDERER, E. Christian. *Década de 80, autismo uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais*. 2.ed. São Paulo : Almed, 1987.

KAPLAN, Harold I., SADOCK, Benjamin J., GREBB, Jack A. Trad. Dayse Batista. *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 7.ed. Porto Alegre : Artes médicas, 1997

KOLB, B.; WHISHAW, I. Q. *neurociência do comportamento*. 1 ed.. São Paulo: Malone, 2002.

MARCELINO; Cláudia, *Autismo Esperança pela Nutrição: História de Vida, Lutas, Conquistas e muitos Ensinos*. 1 ed. São Paulo : M Books. 2010.

MELLO, Ana M. R., *Guia Prático*. Autismo. 2001. São Paulo, 2 ed., Edição em PDF. 2003.

MONTEIRO, Claudete F. S.; BATISTA, Diana O. N. M.; MORAES, Edileuza G.C.; MAGALHÃES, Tarcyana S.; NUNES, Benevina V. T.; MOURA, Maria E. B.; *Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem*. Revista Brasileira de Enfermagem. vol.61, no.3, Brasília. Maio /Jun 2008

RODRÍGUEZ, M.E, *La nutrición: una estrategia de intervención en el niño autista*, 2003, p. 26-37 Acta Medica. Disponível em: <http://www.bvs.sld.cu/revistas/act/vol11_1_03/act14103.htm>; Acesso em : 24 de abr. de 2010.

SALCEDO; Patty M., *Las causas desconocidas del autismo y TDAH*. El Colombiano Publicado el 09-26-2006. Disponível em: www.elcolombiano.net/news.php?nid=1377&pag=4&st=0. Acesso em: 24 de abr. de 2010.

SANTOS, Cesar A. B.. *A Nutrição da Criança Autista*, 2008, email: césar.santos@unifenas.br

SANTOS, Karina B. O., *O Papel Do Profissional De Saúde No Cuidado De Pacientes Autistas*, Publicado em: 02/12/2008 Disponível em: www.artigonal.com/findarticles.php?q=O+Papa+el+Do+Profissional+De+Saúde+No+Cuidado+De+Pacientes+Autistas. Acesso em: 24 de abr. de 2010.

SHAW, WILLIAM. *Sensibilidade ao Glúten e a Caseína*. Tratamentos Biológicos do autismo e TDAH. São Paulo. Editora: Atelier Do Livro. 2009.